

Interculturalidade

⁶ O lobo será hóspede do cordeiro, a pantera se deitará ao lado do cabrito; o bezerro e o leãozinho pastarão juntos, e um menino os guiará; ⁷ pastarão juntos o urso e a vaca, e suas crias ficarão deitadas lado a lado, e o leão comerá capim como o boi. ⁸ O bebê brincará no buraco da cobra venenosa, a criancinha enfiará a mão no esconderijo da serpente. ⁹ Ninguém agirá mal nem provocará destruição em meu monte santo, pois a terra estará cheia do conhecimento de Javé, como as águas enchem o mar.

Is 11, 6-9

Cada cultura tem suas próprias características, valores e costumes. Alguns são percebidos como fortes e outros como fracos. Alguns são mais agressivos e alguns são considerados passivos e tímidos. Quando se usa a palavra cultura neste contexto, é referente à cultura étnica - os valores, crenças, artes, comida, costumes, vestuário, família e organizações sociais, e governo de uma determinada pessoa em um determinado período.

É útil analisar a cultura em duas partes: externa e interna.

Fig. 1

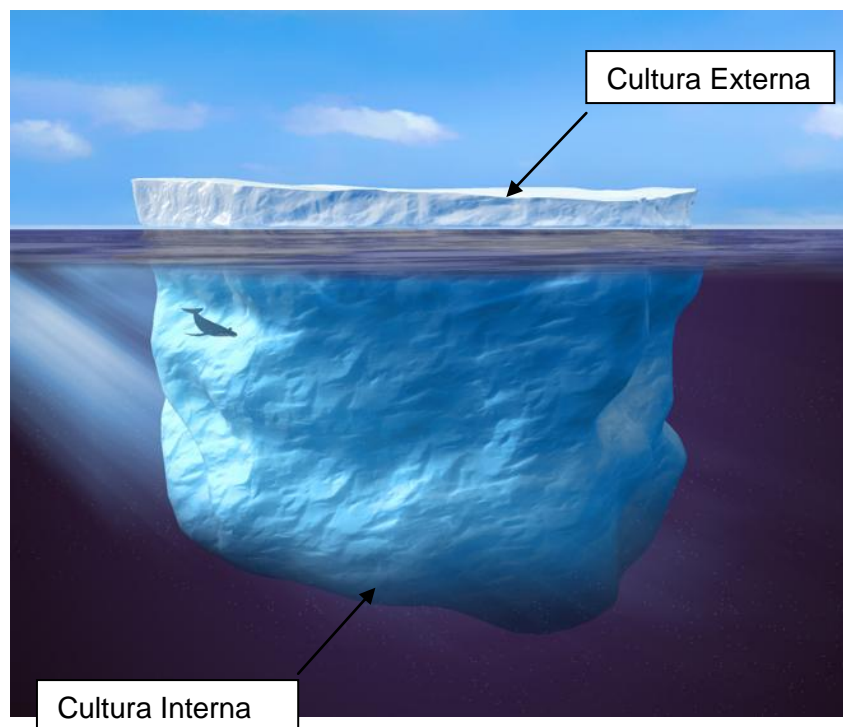
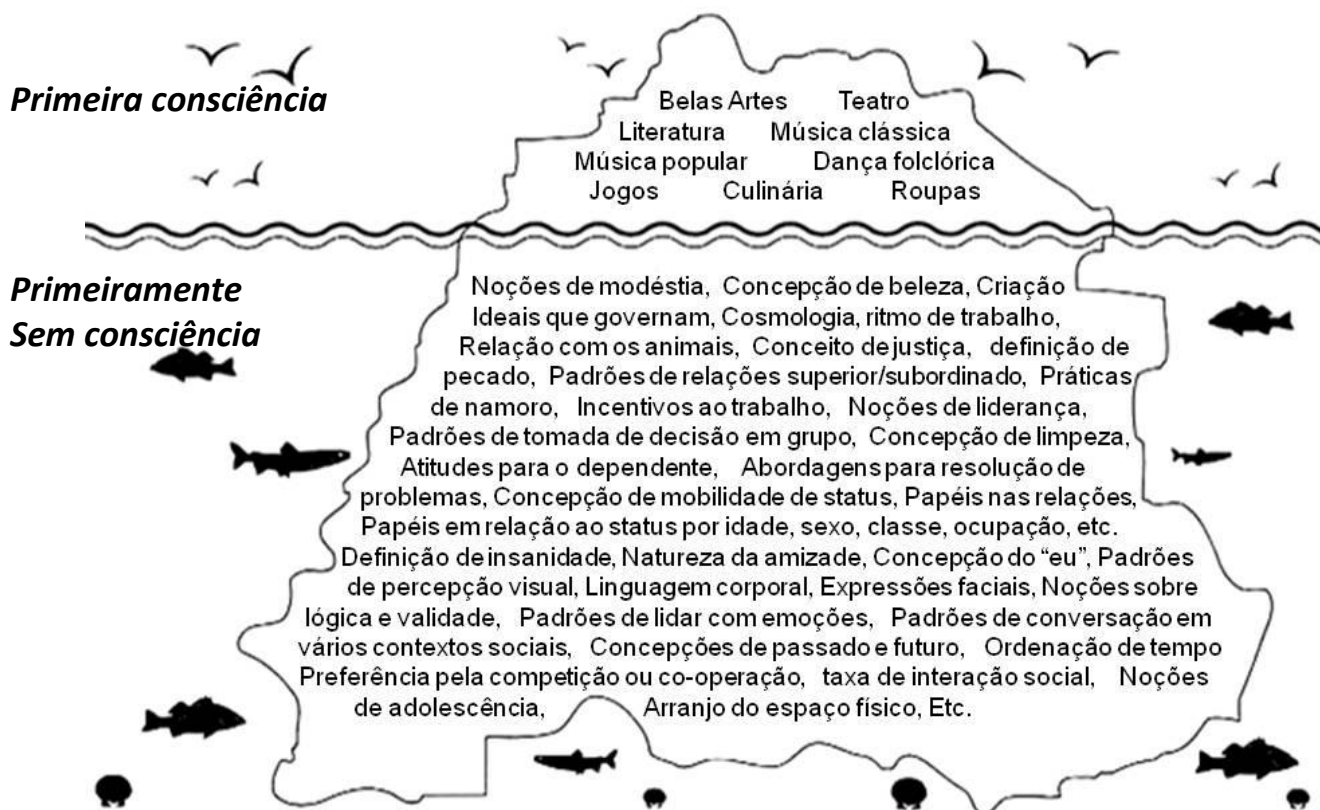


Fig. 2



Na maioria das vezes, quando usamos a palavra cultura, queremos dizer o tipo de coisas que vemos e ouvimos - música, dança, comida e arte, etc. Esses são apenas os traços **culturais externos** que são articulados e, portanto, observáveis.

A cultura externa constitui apenas uma pequena parte do nosso iceberg cultural. A parte maior é a **cultura interna** oculta que governa a maneira como pensamos, percebemos e nos comportamos inconscientemente. Isso é o "instinto" de nossas culturas.

Para sermos interculturalmente sensíveis, precisamos examinar a parte instintiva interna de nossa própria cultura.

Quanto mais aprendemos sobre nossa cultura interna, mais estamos cientes de como nossos valores culturais e padrões de pensamento diferem dos outros. Conhecer essa diferença nos ajudará a fazer justificativas de auto-ajustes para viver pacificamente com pessoas de outras culturas.

Nossa iniciação através do batismo é um símbolo de nossa morte para o velho eu e participação na nova vida através de Jesus Cristo. Portanto, é preciso ter coragem, ir contra nosso instinto, descobrir nossas próprias águas culturais e viver nas águas naturais interculturais inexploradas do Reino Pacífico.

Vivemos num mundo cada dia mais conectado, em que as pessoas estão cada vez mais em contato umas com as outras. Novas pessoas, etnias, raças, povos e nações passam a criar uma sociedade contemporânea mais diversificada. Com esse fenômeno podemos dizer que estamos iniciando um processo que pode ser denominado “atravessando culturas”, que implica um movimento mútuo e multidirecional entre culturas, dando origem a novos conceitos como, “aculturação”, “inculturação”, “transculturação”, “interculturação”, assim como “multiculturalidade

A vivência intercultural nunca foi estranha, tanto para a Igreja, como para a Vida Religiosa Consagrada. A Igreja, sendo missionária por natureza, e a Vida Religiosa Consagrada, motivada pelo seu carisma, elaboraram a convivência intercultural desde os tempos antigos, essa vivência intercultural promoveu novas reflexões e atitudes devido ao deslocamento de missionários de todos os continentes. As comunidades religiosas, com membros pertencentes de diversos estados, culturas e nações, apresentam uma vivência intercultural adequada para elaborar a missão.

As verdadeiras comunidades interculturais devem ser conscientemente criadas, intencionalmente promovidas, cuidadosamente nutridas. A vivência intercultural exige algumas atitudes pessoais conscientes, certas estruturas comunitárias flexíveis e uma espiritualidade particular. Ambas as partes – aquele que acolhe e aquele que é acolhido – devem interagir de tal forma que toda a comunidade se enriqueça com a presença do outro. Ambas as partes devem reconhecer que a diversidade é divina, o outro é necessário para as relações comunitárias maduras.

A inspiração vem do Deus uno e trino, que está sempre em um relacionamento mútuo e dialógico entre si e convida os membros da comunidade a desenvolver relações mútuas e dialógicas (1) na experiência intercultural. As pistas que poderiam ajudar esse diálogo seriam alguns aspectos concretos e conscientes:

1. Saber tirar o sapato de sua própria cultura que poderia prejudicar a vivência no ambiente cultural do outro. Portanto, é preciso que haja necessidade de calçar novo sapato com o aprendizado da inculturação.
2. A religiosa (o) precisa ter consciência de que nas suas deslocamentos missionárias, humildade e respeito para com o outro são necessários e assim perceber que ela é somente hóspede, não dono.

Referências:

O lobo vai morar com o cordeiro, Eric H. F. Law

Experiência Intercultural na Vida Religiosa, Padre Joachim Andrade, svd

(1) “Relação Dialógica”: Aprendizagem que ocorre através do diálogo.

Perguntas para reflexão e conversação:

- 1.** “O anfitrião e o convidado devem interagir de tal forma que toda a comunidade seja enriquecida pela presença do outro”. Você já teve experiências disso? Quais foram as circunstâncias? Quais foram os aprendizados dessa experiência?
- 2.** Em nossas “jornadas missionárias” ou vida em comunidade “são necessárias humildade e respeito uns pelos outros”. Quando você teve que ter humildade e respeito em uma situação cultural ou comunitária que era nova ou desconfortável? Como as comunidades constroem respeito entre os membros?
- 3.** Tomando por exemplo a figura 2, adicione aspectos culturais que estão situados fora da primeira consciência.